



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

7 de Maio de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1752

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt

DESCANSE EM PAZ, SENHOR PADRE CARLOS

«Que a Obra continue!...»

ERAM quatro horas da manhã do dia 22 de Abril, Sexta-Feira Santa, quando, tendo consumado o seu calvário, Padre Carlos, entregou a sua alma nas mãos de Deus, serenamente.

Foi no Lar de Idosos das Irmãs das Pobres, na Rua do Pinheiro Manso, no Porto. Dias antes, confidenciara a uma Irmãzinha dos Pobres: «Vestido só com sultana (batina) e faixa, como se fosse de viagem; queria levar na mão o breviário, o meu primeiro breviário...» Depois fechou os olhos e fez esta oração em voz alta: «Senhor em Vossas mãos entrego o meu espírito... posso partir ou ficar como for da Vossa vontade... que a Obra continue». Tudo isto com muita serenidade, como o referiu a Irmãzinha dos Pobres que o acompanhava naquela hora.

Veio para a Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa pelas dezasseis horas de Sexta-Feira Santa. Ali, tiveram oportunidade de se despedir, os seus filhos, Gaiatos de várias gerações, que se deslocaram de muitos pontos do País e, até, residentes no estrangeiro. Muitos amigos e benfeitores da Obra da Rua — a Família alargada — expressão muito querida do Padre Carlos. O Patriarcado de Lisboa, Diocese em que Padre Carlos nascera e crescera para a vida cristã e aí recebera a Ordenação Sacerdotal pelas mãos do Senhor Cardeal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira, fez-se representar na pessoa do senhor Cónego Francisco Tito Espinheira, Vigário Geral do Patriarcado de Lisboa.

As exéquias foram presididas pelo Senhor D. Manuel Clemente, Bispo do Porto, no sábado, às doze e trinta, na Igreja do Mosteiro de Paço de Sousa. O cortejo fúnebre seguiu depois para o cemitério, Prado do Repouso, no Porto, onde os seus restos mortais foram

cremados, conforme constava das suas últimas vontades expressas. As suas cinzas, mais tarde, foram depositadas, de forma privada, no cemitério de Paço de Sousa, em campa rasa, propriedade da Obra da Rua, onde Padre Américo foi sepultado após a sua morte.

Ali descansa este obreiro do Reino de Deus, tornado assim, por vontade própria e chamamento divino; recoveiro dos pobres na esteira do Padre Américo, seu grande mestre.

Que o seu testemunho de vida, em mais de cinquenta anos de entrega sacerdotal, ao serviço da «engenharia do humano e do divino» possa entusiasmar outros mais novos ao serviço do Evangelho.

Como gostávamos de o ouvir sabiamente, acenando ao espírito essencial da Obra da Rua: «A Obra da Rua não é um somatório de casas... mas um modo original de ser e de se apresentar ao mundo no espírito do Evangelho; uma palavra nova na dinâmica da Caridade da Igreja e no Amor de Cristo». Essa novidade, esse dinamismo, é que hão-de ditar a sua continuidade no tempo e no espaço dos homens.

Padre Carlos: descanse em paz e peça a bênção de Deus para os seus irmãos padres da rua que ficaram mais sós; que outros sintam atracção por este ideal do Padre Américo que encheu de sentido a sua vida de Homem e de Padre. Seus filhos, os Gaiatos, as Senhoras e outros colaboradores amigos — a família de fora — uma multidão, guardam eternamente no seu coração o seu testemunho de vida, vivido de forma inolvidável, na esteira do seu grande mestre que foi o Padre Américo. Consigo afirmamos: «Que a Obra continue!...»

Padre João

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

CHEGOU a hora em que o Senhor chamou o nosso e Seu Padre Carlos para junto de Si, dirigindo-lhe a Palavra escatológica em que o tempo não cabe: «Vem bendito de meu Pai...»

Não são palavras de circunstância, estas. São Letra com Espírito, que traduzem a verdade de quem crê.

Para que assim fosse, a Palavra derramou a Sua vida, e quem n'Ele acredita é salvo. Pois todos os que acreditam têm a vida eterna, que é vida em abundância.

A Palavra é chamamento, promessa, confirmação e envio. Chamamento para ver e conhecer em ordem a um mandato, que é a missão que o Senhor atribui a quem chama.

É o terceiro Padre da Rua que vejo partir. Primeiro o Padre Horácio, depois o Padre Luís, agora o Padre Carlos. Em todos eles um testemunho comum: o amor à Pobreza de Jesus Cristo, um dom de Altíssimo valor pelo qual Pai Américo se enamorara, e que fará chegar todos os que o recebem e fazem render, a saborear as Riquezas do mesmo Senhor Jesus Cristo.

A vida quotidiana confirma-nos esse valor. Auto-suficiência é coisa que não temos nem queremos, e todos os dias temos de pedir o «Pão-nosso de cada dia», especialmente o da misericórdia de Deus,

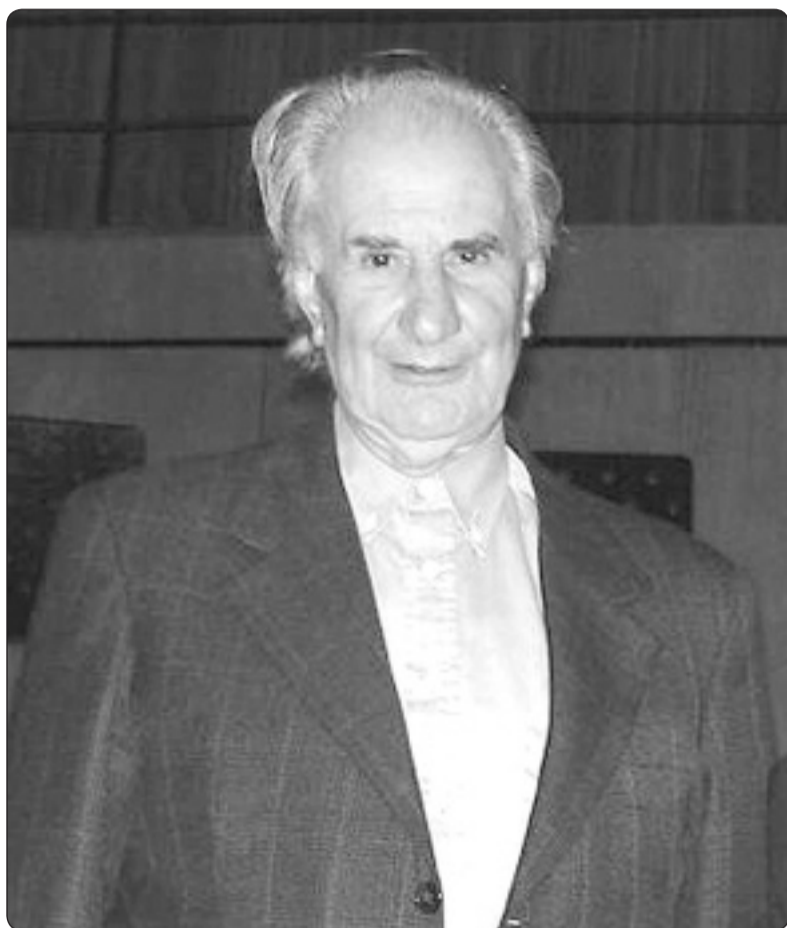
alimento que nos mantém em comunhão com Ele. A nossa vida não depende do comer e do vestir, mas do amor de Pai que Deus derrama em nossos corações.

A procura incessante em O sentir e tocar, e de lhe corresponder, embora ficando sempre aquém, é simultaneamente o alimento para a vida de cada dia e o desgaste ao comunicá-la. Sabiam os Padres de antemão que vinham para a perder até à oblação final, e que um eventual recalçar pontual era o sinal da verdade da sua natureza deles sobejamente conhecida.

Quanta alegria neste sentir e conhecer, pois se também no Céu há mais alegria por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento!

Que seria se os amigos de Deus já fossem perfeitos ainda antes de deixarem a terra? A sua partida não provocaria qualquer acréscimo de alegria no Céu! Assim, esta alegria acontece no preciso momento em que n'Ele entram, vestindo o traje de festa com que Deus os foi revestindo ao longo da sua vida no tempo, até ao instante final.

Lá, como cá, há lugar para todos, porque todos são chamados. Ai se o homem soubesse fazer contas usando a matemática do Deus da vida. □



BENGUELA

Padre Manuel António

Senhor Padre Carlos

O senhor Padre Carlos morreu. Uma nova luz brilha no Céu, Seus raios cobrem a Obra da Rua.

A notícia chegou-nos ao fim da manhã de Sexta-Feira Santa. Dia maravilhoso que nos fala do Amor Infinito por todos nós. O senhor Padre Carlos consumou a sua vida de doação, sem reservas, na comunhão com Jesus Crucificado. Mensagens sublimes falam-nos, com admiração, do seu testemunho: «Agora, desde o Céu, será mais útil à Obra da Rua. Vai começar a florescer ainda mais. O Pai do Céu encontrou e colheu a fruta madura do Seu Jardim. Agora, já não sofre mais e, da mesma maneira que o Padre Carlos amou e queria muito à Obra da Rua, desde o Céu será melhor». Estas palavras expressam o verdadeiro sentido da vida humana, animada pelo amor até ao dom total. Foi assim a existência do senhor Padre Carlos ao serviço da Obra da Rua.

Queimado pela paixão do ideal de Pai Américo, o senhor Padre Carlos, filho único, com o curso de engenheiro electrotécnico, deixa a carreira humanamente brilhante, no meio do mundo, descobre o caminho da sua felicidade na vocação sacerdotal. Nasce sacerdote em 02 de Maio de 1954 para dar a sua vida inteira à OBRA DA RUA, no ramo das Casas do Gaiato. No verão de 1955, encontrámo-nos na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, levada aos seus ombros e no seu coração, com Pai Américo a acompanhá-lo. Impressionou-me muito a sabedoria da sua mente e do seu coração na vida dedicada à multidão dos filhos da rua. Sentia-me, na altura, como um menino já com 21 anos, à procura do caminho certo para viver feliz. Nas páginas do livro da minha história descobri os momentos mais felizes do tempo da formação no seminário. O contacto com as crianças da rua, no período de férias, em serviço organizado pelas conferências vicentinas, foi uma fonte de felicidade. O Pai do Céu mostrou-me, deste modo, o caminho da minha vida para ser feliz.

O senhor Padre Carlos teve um papel determinante, nesta fase decisiva da minha vida. Foi o irmão mais velho que me deu a mão segura em que podia confiar. Entretanto, um ano depois, Pai Américo morreu. Era o ano de 1956. A Obra da Rua atravessava um período difícil. O senhor Padre Carlos foi escolhido pelo pequenino grupo de

Continua na página 4

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

SR. PADRE CARLOS — O Sr. Padre Carlos partiu deste mundo. Era um Padre da Obra da Rua. Como todos os outros Padres da Obra da Rua falecidos ou vivos, veio para a Obra sem olhar para trás. Dedicou-se a ela totalmente, tal como o fez Pai Américo. Esta dedicação total, sem reservas, é o que conta acima de tudo.

Sempre foi preciso, mas nos dias que correm é ainda mais preciso não perder nenhuma oportunidade para chamar a atenção do mundo para as pessoas que se dedicaram totalmente aos outros, com todas as suas virtudes e com todos os seus defeitos de seres humanos, sendo que o que conta, acima de tudo, é essa dedicação total.

Neste espaço da Conferência Vicentina impõe-se uma referência ao modo como o Sr. Padre Carlos se relacionou connosco. Tendo ele passado quase toda a sua vida de Padre da Obra da Rua ligado à Casa do Gaiato de Paço de Sousa, o relacionamento com a nossa conferência foi, também, longo. Do que podemos dizer por experiência própria, mais do que ouvimos de épocas anteriores, o Sr. Padre Carlos procurou sempre encaminhar para a nossa Conferência os casos que lhe chegavam vindos da nossa área de actuação. Entendia que, sendo nosso dever estar próximos desses casos e, portanto, conhecendo-os melhor do que outros, os assuntos ficariam em boas mãos.

Não estando agora fisicamente entre nós, mas estando, certamente, no Céu, pedimos-lhe daqui que interceda por nós no sentido de sermos capazes de ir dando conta deste recado de estarmos atentos ao próximo que mais precisa e de cuidarmos desse próximo da melhor forma que nos for possível.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

SENHOR PADRE CARLOS — Foi muito sentida na nossa Comunidade, em toda a Obra da Rua e Amigos em geral, a partida do nosso Padre Carlos, no dia 22 de Abril, Sexta-feira Santa. Aconteceu depois de algum tempo de sofrimento, por doença no pâncreas. Foi bem tratado no Hospital de Santo António, Porto, e cuidado com muito carinho pelas Irmãs das Pobres. Faleceu no seu Lar de idosos, depois das três horas da madrugada, com 85 anos.

Nasceu a 18 de Setembro de 1925, em Lisboa, e foi ordenado Presbítero a 2 de Maio de 1954, sendo enviado pelo Cardeal Cerejeira para serviço na Obra da Rua. Sucedeu, à morte de Pai Américo, na Direcção da nossa Obra, que serviu cerca de 60 anos, em especial na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

A nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo (onde decidiu a sua vocação) deslocou-se em peso ao seu funeral, pelas 12.00h, de 23 de Abril, Sábado Santo, que saiu da Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, aonde confluíram muitos Gaiatos e Amigos, para a Igreja Paroquial da Vila. Celebraram-se aí as suas exéquias, presididas pelo Sr. Bispo do Porto, D. Manuel Clemente, com a participação dos Padres da nossa Obra e de vários Sacerdotes, para além de muito povo, que visivelmente emocionado se despediu do nosso Padre Carlos. Não esqueçamos o seu exemplo e que descanse em paz!

SEMANA SANTA — Na Quarta-feira, o Sr. Padre Rolando veio falar-nos do significado da Páscoa de Jesus e celebrar o Sacramento da Penitência. Depois, na Quinta-feira Santa, pelas 19.00h, participámos na Missa Vespertina da Ceia do Senhor, na nossa Capela. Na Sexta-feira Santa, pelas 15.00h, celebrámos a Paixão do Senhor. E, no Domingo, pelas 10.00h, rezámos a Missa do dia de Páscoa da Ressurreição do Senhor. De tarde, recebemos a visita pascal. Para todos os nossos Amigos, continuação de feliz Páscoa! □

TESTEMUNHO

Manuel Pinto

CONHECI o senhor Padre Carlos, há muitos anos. Creio que desde Abril de 1951. Estava eu internado em Gaia e vim passar a Páscoa à Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Vi-o, pela primeira vez, ao cimo da redonda escadaria da casa-Mãe.

Novato como era e não conhecendo os hábitos dos seminaristas de então e como o Padre Carlos estava de batina, ia eu beijar-lhe a mão, ao que ele respondeu, negando-a: «Ó rapaz, eu ainda não sou padre».

Mais tarde, fui, durante mais de uma vintena de anos, o seu secretário-geral, como ele gostava de me chamar. Era na altura o responsável pelas contas da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Uma das obrigações que tinha, era receber diariamente o correio e prepará-lo para ser lido e respondido. Quando estava a ler, Padre Carlos não gostava de ser incomodado e dizia: «A hora do correio é sagrada». Isto porque muita da correspondência era confidências de alma.

Sei que Padre Carlos foi um coração confidente e generoso em apoio aos Pobres e de muitos antigos e actuais Gaiatos. Quantos deles, a quem ele deu a mão, não lhe devem hoje, viverem em paz e harmonia nos seus lares?!

Com a sua partida, ficou a equipa dos Padres da Rua mais débil. Rogo a Deus todo-poderoso que os contemple de bênçãos e lhes dê coragem e Paz.

Ele e os outros Padres da Rua sempre souberam ultrapassar as calúnias, vexames e malquerenças, de que foram vítimas em todos os tempos.

Exerceu com pobreza e humildade o seu sacerdócio, mostrando bem o porquê de ser discípulo de Pai Américo.

E é com sentida amargura que me despeço. A hora de Deus chegou. Partiu para o Pai o nosso amado Padre Carlos. Que o Senhor tenha em Sua glória. □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)



DESPORTO — Contentes e felizes da vida! Foi assim que no passado dia 2 de Abril, saímos de Paço de Sousa, com destino à nossa Casa de Miranda do Corvo, na companhia do nosso Padre Júlio, para mais um jogo-convívio entre Família.

A viagem, não podia ter corrido melhor! Quando lá chegamos, Padre Manuel Mendes, recebeu toda a comitiva de braços abertos, bem como os Rapazes e as senhoras, especialmente a D. Nazaré — muito querida! Padre Manuel começou por dizer: «(...) *sintam-se como em vossa Casa, já que a Obra da Rua é uma só*». E nós, não nos fizemos rogados!

Em relação ao jogo, decorreu com a maior normalidade. Não houve casos! Todos fizeram por isso, apesar de ninguém deixar de lutar pela vitória. Ganhou Paço de Sousa, que marcou mais golos, como poderia

ter ganho Miranda, se os tivesse marcado. No final do jogo, à boa maneira do nosso Padre Manuel, foram entregues duas taças: uma à equipa de Miranda do Corvo e outra à de Paço de Sousa, para além de todos os intervenientes no jogo e não só, terem sido condecorados com uma medalha. Toda a gente estava feliz e todos se cumprimentaram no final do jogo. Ninguém queria sair do campo. Parecia que se estavam a ver pela primeira vez. Foi bonito e assim é que deve ser!

Depois, foi servida uma merenda ajantarada, onde, para além de muitas outras coisas que estavam na mesa — qual delas a melhor — o arroz doce, esse, parece que estava uma delícia! Dizem... os que gostam das coisas mais docinhas. Os Rapazes vinham super satisfeitos da maneira como foram tratados!

Temos que dar os parabéns à D. Nazaré e às outras duas senhoras — muito simpáticas — que tudo prepararam com amor e carinho. O almoço estava muito bom. Eu repeti a sopa. Estava uma maravilha! Até parece que somos um grupo de *bródios*, mas não! Gostamos é destes *miminhos* quando em Família, em casa da Família e só com a Família. Sim, porque para nós, nem tudo que vem à rede é peixe!...

Agora, esperamos que os Rapazes de Miranda do Corvo resolvam e, venham a Paço de Sousa. Cá esperamos por eles! Temos muito gosto em os receber.

Antes de terminar, também queremos agradecer a presença do senhor professor Paulo que, apesar de andar muito atarefado, não faltou ao convívio entre Miranda do Corvo e Paço de Sousa. Bem-haja a todos! □

MANIFESTAÇÕES DE PESAR

«Estive a arrumar o escritório do Padre Carlos como lhe prometi em vida... (vi lá uma cópia do Príncipezinho, sabendo que foi uma transmissão de sabedoria para tantos de vocês, eu vou levá-lo comigo para esta vida que no final deste mês começarei!) Foi uma honra ter sido o último 'grande chefe' do nosso querido Padre Carlos, acompanhei-o a casa de muitos de vós, e inclusivé dos seus familiares... comprometo-me a dar um ar da sua graça sempre que nos encontremos, um abraço que querará dizer — Ele está connosco!

Pedro Caliano»

«Tivemos a sorte e a honra de ter um Pai e Amigo desta envergadura moral e humana e, também, de amigos e irmãos que na hora certa (com)partilham connosco essa prova da sua dimensão.

Jorge Couto»

«Já valeu a pena viver só para conhecer Padre Carlos. Portugal chora lágrimas de sangue por quem combateu vincadamente as injustiças da sociedade contra os mais carenciados, homens desta matéria não se encontram mais com uma inteligência incomparável, um homem de valores e princípios e, acima de tudo, um homem de fé que mesmo aos mais cépticos ele tocava no coração, não posso deixar de dedicar este poema por quem me recebeu e criou:

Padre Carlos tu és a encarnação
[do Pai Américo
a tua luta o teu empenho pelos
[que mais precisaram é
[hemisférico
quem te conhece enche a boca
[ao pronunciar o teu nome
o teu amor puro e genuíno nos
[consome

és um pai de dedicação exemplar
um pai que nos faz contemplar
és autenticamente um artista e
todos os gaiatos são tuas pinturas.
Rakim Cruz»

«Passados alguns dias da morte do meu PAI, pois foi ele que me foi

buscar à minha terra com apenas 6 anos, ainda não consegui atingir a realidade...

José Alberto Teixeira»

«Profundamente emocionada com a notícia que acabei de ler estou unida a vós todos pedindo a Deus que na Sua Misericórdia faça germinar desta morte muitas e santas vocações sacerdotais e de uma forma especial dentro dos seus próprios filhos. Que as vocações leigas não falem neste mundo tão marcado pelo egoísmo.

Tenho como inesquecíveis os famosos artigos da sua autoria no Gaiato.

Que Deus tenha já à sua guarda o tão querido Senhor Padre Carlos.

Os meus cumprimentos do mais profundo pesar a todos os responsáveis da Obra da Rua: de uma forma especial aos Sacerdotes e Gaiatos.

Uma Amiga»

«Quando algo tão trágico como o desaparecimento de alguém como o do Senhor Padre Carlos

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Abril,
47.300 exemplares**



GAIATOS

Coliseu do Porto

Sábado, 21 de Maio – 16 horas



Bilhetes à venda:

- Bilheteiras do Coliseu
- Casa DINA – Rua Mártires da Liberdade, 30
- Casa do Gaiato – Paço de Sousa

www.obradarua.org.pt • paco.de.sousa@obradarua.org.pt

Festa

Exactamente quinze dias da nossa Festa no Coliseu do Porto, vamos dando os últimos retoques na sua preparação, especialmente nos adereços e pormenores de cada número a apresentar.

Embora seja assim, não são os pormenores que concentram a nossa atenção e motivação, mas sim trazermos para os nossos dias a novidade permanente que é a palavra e acção de Pai Américo. Novidade sim, porque inspirada e enraizada na Novidade eterna que é o Evangelho – a Boa Nova.

Homem de um só livro, ensina-nos a fazermos deste o centro da nossa vida: «Com Cristo nada é impossível; sem Cristo nada é possível».

Percebemos ainda pela vocação e vida de Pai Américo, que toda a vida humana tem vários inícios, sendo um deles o fundamental. Após este, a vida autêntica; para trás ficam os «anos perdidos», como lhes chamou.

Ainda assim, os «anos perdidos» de Pai Américo foram anos de constante busca, de inquietação, de desejo de se entregar ao chamamento interior que sentia. Foram, estou em crer, anos em que Deus o preparou para a sublime missão que lhe deu a cumprir, de ser o Pai de uma imensa multidão de rapazes e famílias e pessoas de todas as condições, chamando-os, ainda que muitas vezes o não percebessem, ao redil do único Pastor, o Senhor Jesus Cristo a quem se devotou.

Quanta ternura vejo nos lábios dos rapazes que ele criou, quando pronunciam o seu nome!?! Pai Américo... Foi por ele que conheceram o Amor.

Pai Américo continuará a ser uma fonte inesgotável que nos ajuda a chegar ao essencial da vida. Isto mesmo vamos tentar pôr em palco e irradiar a partir dele.

Padre Júlio

Galamba acontece, pouca coisa fica para dizer, pois os sentimentos que nos invadem são tantos e tão difíceis de expressar por palavras.

Aqueles que tiveram o prazer de privar com o Senhor Padre Carlos enfrentam, nesta circunstância, um doloroso momento de saudade que dificilmente passa. Queria por isso deixar uma mensagem de conforto e amizade a todos os que como eu, sentimos a sua falta, em especial à sua família que soube trazer a este mundo e criar um ser humano generoso, que punha o seu melhor ao serviço dos mais necessitados, pelo prazer de ajudar quem mais necessitava com mestria e, sobretudo, com um grande espírito de humanidade.

Do Senhor Padre Carlos Galamba ficarei para sempre com a imagem da sua alegria, inteligência, cultura, capacidade de trabalho e entrega às causas em que acreditava.

Deixo um abraço fraterno à sua família, à Obra da Rua, amigos, colegas e todos os que se cruzaram com ele e que irão sentir, a cada dia, saudades desse Homem bom que tivemos o privilégio de conhecer.

Com o Senhor Padre Carlos foi-se um pedaço da Obra, pois ele é, antes de tudo, um grande exemplo e uma perda imensurável.

Infelizmente nem tudo acontece como imaginamos, mas Deus sabe o que faz.

Paulo Sousa»

«Apresento as minhas sentidas condolências pela morte do Senhor Padre Carlos Galamba. Tenho presente o seu exemplo de toda uma vida dedicada à «Obra da Rua» e à solução de um dos mais graves problemas do nosso

País. Associo-me aos sentimentos de toda a Família «Gaiato».

Cordiais saudações.

A. F. C.»

«Depois de receber a tristíssima notícia do falecimento de um Amigo de Braga, como se fosse um irmão, vejo na televisão o de outro grande Amigo de há tantos anos (desde 1963 em Angola), o Padre Carlos Galamba. Ainda ontem tentei falar com ele, como já sucedera dias atrás. Fico extremamente desgostoso com esta perda.

Sei que a vida e morte são assim, e o Padre Carlos teve o seu momento na data que representa para nós o essencial do nosso credo.

Estou convosco no vosso pesar e peço compreensão para a minha ausência, apenas por motivo de doença incapacitante que não me deixou, a semana passada, assistir ao funeral de uma irmã e amanhã ao do meu amigo de Braga.

Julgo que compreendeis que, em vez de enviar flores (que as terá muitas de muitos lados) aceitareis, para a Obra um donativo.

Estes sentimentos de muito pesar são extensivos a quem trabalha na Obra e aos «Gaiatos» que perdem um grande pedagogo e trabalhador incansável.

Respeitosos cumprimentos.

Arménio Ramires de Oliveira»

«Alegria a sua me recebeu, Confiança e força me deu, Não é agora que nos abandonará. Sempre nos deu os melhores

[conselhos,

Mas muitos andam ao deus-dará. Durante anos se agarrou a nós Nos amou... vós.

Muito chato, às vezes,

O único jeito como ensinava, E eu adorava...

Poucas vezes o não sentia, Quando o era subia Um degrau cada dia. Tenho-o como pai, [ou até meu santo.

Protegeu-nos sempre [com o seu manto, Um dia, outro, outro e outro... Para toda a vida não mais [será esquecida Tamanha paixão Do nosso coração.

Rui Damas («Dimas»)

«Morreu apenas no mundo dos homens e, mesmo aqui, creio, ficará para sempre na nossa memória como um Grande Homem..., mas acredito que seja eterno e que nos encontraremos com ele um dia...

Fausto Ferreira»

«As minhas condolências pelo falecimento do Padre Carlos Galamba. A morte de um mais velho deixa sempre um vazio e por maioria de razão quando a sua bondade era grande.

Rui Amado»

«Pedro — Força, coragem... Fé e Ideal, como há 50, 40, 30, 20 ou 10 anos; ou como daqui a 10, 20, 30, 40 ou 50 anos... serão sempre os valores que contam... sem valores estamos perdidos meu amigo!

Por isso, lembra-te: gaiato um dia, gaiato toda a vida! É o meu lema, uma frase que contém em si mesma, todos os valores ensinados pelo Pai Américo e transmitidos com sabedoria e com mestria, pelo Padre Carlos!

Ludgero Mendes»

DOCTRINA

Pai Américo

O valor razoável e social das fortunas: «Dá e ser-te-á dado».



TINHA havido um incêndio naquela noite, aqui perto, que deixou no fio duas famílias: um carpinteiro e um alfaiate. Ficaram sem nada; o fogo tudo lambeu. Era necessário acudir aos sinistrados e fazê-lo sem demora. «Tudo aquilo que tu gostarias que os homens te fizessem, fá-lo também tu a eles.» A fórmula é clara, simples e decisiva. É no imperativo. A linguagem do Evangelho é toda assim. De sorte que mandei colher informações no lugar e entreguei uma quantia. Este dinheiro fez mui naturalmente falta à nossa economia e a primeira nota do *negócio* foi o eu ter ficado imediatamente sem ele. Mas o caso urgia. Estavam ali duas famílias, nossas irmãs, à míngua, por uma violência. E, nestes casos, o Evangelho também urge.

ENTREGUEI, como disse, e precisamente na maré em que o fazia, eis que um automóvel roda avenida a cima. «Vem ali o dinheiro», afirmo eu, interiormente. Não foi uma conversa com os meus botões. Tão pouco um cálculo. Foi uma voz. «Vox Domini.» O carro pára em frente à casa-Mãe e eu continuo a trabalhar. O cicerone traria o dinheiro, a seu tempo. Daí por muito espaço e já esquecido de tudo, pelo trabalho, assomo à janela. O carro estava. Recordei e esperei...!

NISTO, desço à cozinha. Dou com os olhos numa senhora sobre uma cadeira, transportada por dois dos nossos mais fortes. Andava a ver. Quis ver tudo, tudo, tudo. Com 84 anos de idade, conquanto há mais de vinte deles esteja somente a leite, esta senhora toma, agora, O GAIATO todos os quinze dias e não lhe tem feito nada mal! «Eu até leio o foi visado pela Comissão de Censura», revelou-me ela. E não lhe faz mal! No fim, deu-me uma nota de cem escudos. Ao vê-la, tornei a afirmar interiormente: — Não é esta. Não era aquela, não senhor. A tal estava nas mãos do filho. Foi ele que ma deu. Foi ele o feliz chamado a repor o dinheiro; *tudo* o dinheiro, que eu antes dera.

QUATRO pontos: Primeiro, a minha alegria. A alegria de quem sabe e conhece o terreno que pisa. Luz e certeza dos mistérios. Entrar nos segredos do Pai Celeste! Segundo, a minha comunicação àquela família, depois de ter recebido o dinheiro; e a alegria que todos experimentaram. Terceiro, a mesma alegria, repartida agora por vinte mil leitores, a qual, com o ser dada a tantas almas, em nada é diminuída. E, finalmente, a realização do mandamento — «Date et dabitur», vista, apalpada e sentida por todos os corações. Ora aqui é que está. Aqui é que se encontra o valor razoável e social das fortunas: «Dá e ser-te-á dado». Mas primeiramente dá tu. Dá prá frente, consoante a necessidade do teu Irmão. Olha para ele. Considera-o a ele. Esquece-te de ti. Dá. O resto não é da tua conta. O Pai Celeste olha por nós, se nós bem olharmos pelos interesses d'Ele. Ora o Seu interesse é que nos amemos.

AQUI há tempos, em uma rua do Porto, alguém se aproxima e diz: «Não o conheço, mas sei que é fulano». E logo em seguida deu o sinal: «É que ouvia a uns homens que agora mesmo passaram: “Vai ali quem mais recebe e quem mais dá em Portugal». É; é verdade. É assim mesmo. Guardasse eu para mim alguma coisa e havíamos de ver quem é que me dava alguma coisa.

O Evangelho, meus senhores, é uma exactidão tremenda! É uma força terrível! Se alguém te disser do doce Rabi da Galileia, não faças caso. São poetas a fazer renda. Mas quando os pregadores da Cruz falam do Revolucionário que veio ao mundo trazer a espada, então sim. Escuta. E se tens coragem faz-te tu também um revolucionário à Sua moda. E mais nada.

Do livro *Doutrina*. Fim do 1.º vol.

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

CONHECI o padre Carlos no Seminário. Saber que era da Obra da Rua foi o primeiro toque de aproximação de Pai Américo. Embora crescesse em mim o espírito de obediência ao Bispo, como submissão à vontade de Deus, vivia inquieto. Ser padre de paróquia não era o meu ideal. Pode conviver com Pai Américo durante os dois anos que tomei conta dos rapazes nas colónias e nas Casas do Gaiato onde passava as férias pequenas. Padre Carlos era o meu arrimo. Segredou-me um ano antes da Ordenação que o Senhor Patriarca já me tinha dado à Obra da Rua.

Crescemos juntos, sempre muito amigos, embora muitos problemas que profundamente o afectaram, como sucessor de Pai Américo, nunca desabafasse comigo. Dizia sempre que bastava ser ele a sofrer. Era muito exigente na educação dos Rapazes. Sofria com eles e passaram-lhe posso dizer, pelo coração, muitas

centenas que se conservam fiéis, alguns em relevo na vida social. Teve um sonho a que nenhum correspondeu. Formar Rapazes inteiramente dedicados à Obra, mas formou todos os Rapazes que uma vez casados se dedicaram à Obra, em Paço de Sousa, no Tojal, nas Casas de África, aceitando um parco ordenado que por vezes não chegava. Alguns, por isso seguiram o seu caminho e não deixaram de ser amigos daquele que lhes deu a mão. São muitas centenas de homens. Desdobrava-se ultimamente a fazer baptizados de netos.

Acompanhei o seu entusiasmo na abertura das Casas de Angola. A sua marca ficou na arquitectura das Aldeias. Para Moçambique, quando alguém lhe pediu que se levasse a Casa do Gaiato, lhe dava uma quinta, respondeu que as tinha todas as semanas. A pessoa não desarmou e fomos. Ele ia sempre para nos apoiar no arranque. Por fim, há anos tinha feito

a sua despedida de África quando as visitou todas, já desligado da responsabilidade da Obra. Todas as Casas estavam no seu coração dum modo especial estas. Quando lhe pedia uma ajuda respondia: se é para dar trabalho, ensinar, sempre que precisares diz.

Quando soube que estava gravemente doente, como tivesse de vir à revisão, apressei a vinda para o encontrar lúcido e lhe dar a notícia da Fundação Encontro já aprovada e da Associação Obra da Rua Casa do Gaiato de Maputo. Pude tomar uma foto dele a sorrir-se. No último dia apoiei-lhe muito tempo as mãos, na agonia de Quinta-feira à noite, lembrando-me do Senhor prostrado no Jardim da Oliveiras. E o Senhor veio recolher a sua alma e deixou-nos, qual farrapo deformado, o seu corpo. Com ele teremos mais força junto de Deus, na sua Luz e pedimos que venha mais alguém acender o seu círio Pascal, neste que Pai Américo ateou, para que o amor aos mais Pobres seja manifesto. Nas crises é quando ele brota com nova força. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

De olhos abertos

NESTES dias, desta Páscoa, o *Dia*, por excelência, afinal, parece que pesava mais o vazio do sepulcro.

Enfrentará o nosso tempo uma verdadeira era do vazio, de fé no Senhor único, de confiança nos valores humanos e de esperança na vida plena, depois da passagem deste mundo?

Mais do que um muro, opaco, que não deixa ver nada para além dele, a morte de cada pessoa pode acontecer quando ainda temos os olhos abertos. O combate maior que Jesus travou, com o seu Corpo, não foi tanto contra o sono da morte, física, do qual Jesus acordou Lázaro e outros amigos. Mas, contra a iniquidade, de cujas cadeias nos libertou com os seus braços presos à Cruz, pelo preço do seu Sangue.

O mistério da páscoa humana há-de ser visto à luz da Páscoa de Cristo: *Quem crê em Mim, mesmo que tenha morrido, viverá*. Esta aspiração não nos deixará perder a esperança pascal da continuidade do eu pessoal e faz-nos recusar terminar em nada, no silêncio do vazio.

Depois do abraço da *irmã morte*, os sinais vitais que a pessoa humana é chamada a deixar, não os procuremos nas tumbas. Nesse momento, em que vemos o rosto de Deus, é impossível ficar com vida.

Ninguém pode ficar indiferente a essa Hora e de a viver no seu dia, em comunhão e não na solidão. Escondê-la e provocá-la são indícios de uma civilização sem sentido para a vida.

Andávamos a ruminar nisto quando, à mesa, num trio de pequenos, a conversa se acendeu. O Rocha, na sua teologia infantil, afirmava para o Malam: — *Tu, quando morreres, vais ficar com essa cor...* O Victório, ao lado, abanava a cabeça e dizia, convicto: — *Eu não quero morrer!* Na verdade, ninguém quer ficar esquecido, no Livro da Vida e na memória das pessoas. É sempre uma surpresa e um trânsito para aqueles em que a paixão por Deus é um *fogo devorador* e se manifesta claramente no serviço ao próximo.

Terá marcado, com certeza, o encontro vivo de vários filhos com Padre Carlos, junto ao seu leito de páscoa, no regaço das Irmãzinhas dos Pobres. Quem dera que este acontecimento desperte neles a responsabilidade de se fazerem homens, na verdade e no trabalho, depois do que nos disse antes da viagem para a Casa do Pai: — *Vejo mais com os olhos fechados do que vós com os olhos abertos...* □

CANTINHO DE FAMÍLIA

Manuel António

IRMÃOS gaiatos, partilho convosco carta escrita por Padre Carlos, a este gaiato (na altura Chefe Maioral da Comunidade de Casa do Gaiato de Paço de Sousa) há mais de 40 anos.

Uma carta que poderia ter sido escrita a cada um de vós, gaiatos, como eu, e que mostra a sensibilidade do nosso Padre Carlos e sua preocupação em fazer dos filhos de Pai Américo, que ele tomou como seus, homens de bem.

Leiam o 'Príncipezinho', que vão gostar. Ainda hoje é meu livro de leitura obrigatória quando a vida parece querer complicar-se e ajuda-me a manter vivo dentro de mim o menino gaiato que fui.

Eis razão de partilha nesta hora de dor pela perda do amigo Padre Carlos.

«Meu querido M. A.

Vinte anos merecem um sinal que fique. Gostaria de ter disponibilidade para parar e reflectir contigo, mas tudo é neste alvoroço da nossa vida em que tu comungas tão intensamente e onde nós os dois temos de nos achar muitas vezes como alívio à dor e à solidão. Para mim é uma riqueza ter-te. Aflijo-me às vezes, como Pai Américo, que me dizia nas horas dos problemas difíceis: — Tenho medo que tu desanimes.

Tantas coisas que eu hoje compreendo de Pai Américo, porque as vivo! E entre elas, este medo do desânimo daqueles que são, entre os apoios humanos, dos principais baluartes do meu ânimo. Mas sei e quero que saibas, que apoio ainda mais forte é a nossa Fé; e forças que nos não deixam caídos no caminho, a que nos atrai um Ideal. Sem Ideal, sem Fé, um homem vive avulso: de uma série de anedotas sem ligação, que historicam a sua existência, a sua vida é mesmo uma anedota, mas de humor negro, como agora se diz.

Fé e Ideal — eis dois pólos que te farão sempre ultrapassar a ti mesmo. Tens suporte humano para tal. Que hei-de, pois, desejar-te mais e mais pedir para ti ao Senhor, neste dia dos teus 20 anos, senão Fé e Ideal?!

O sinal que te ofereço para ficar como recordação dos teus 20 anos (depois, é claro, da confissão de um grande afecto, que espero seja para ti uma certeza!) é o 'Príncipezinho' do Saint-Exupéry.

É uma história para homens que querem guardar na sua maturidade, os dons mais puros (justamente porque mais carregados de Fé e de Ideal) da sua infância e juventude. É um poema em prosa que eu só conheci com o dobro da tua idade e me impressionou profundamente. Não te sei muito adepto da poesia, mas ainda assim penso que há-de apreciar a inocência do Príncipezinho e amar com veneração os dons melhores da tua infância, sem vergonha até ao fim da vida, os conservares para seres em todas as idades, sempre um pouco menino.

Um apertado abraço do teu.

P.e Carlos»

MALANJE

Padre Rafael

«Em verdade este homem era Filho de Deus!»

QUASE sempre me pergunto o mesmo: «Que importância tem esta Pessoa para mim... agora que me dou conta da valia de Sua personalidade... quantas vezes O escutei de menos... quanto tempo me levou a dar-me conta... agora é demasiado tarde porque já não está connosco». Foram muitos os que reconheceram Jesus ao vê-lo morto na Cruz. Hoje continuamos a ser muitos os que reconhecemos o valor de qualquer sacrifício... A força regeneradora que há por detrás de todo o bem que se faz... a imortalidade de tudo quanto é fruto do amor... Reconhecer em cada ser humano a única verdade inquestionável: «Um filho/a de Deus».

Depois de inaugurado o nosso pequeno bar, tomámos a decisão de fazer ali mesmo uma área recreativa, onde os Rapazes pudessem ler, jogar diferentes jogos de mesa, assistir à televisão... Para eles estamos a fazer algumas obras e a alindar os jardins. Por outro lado, pimentos, repolhos, cebolas... e demais produtos hortícolas dos viveiros, estão a ser plantados no

campo. Os do grupo da agricultura dedicam-se, por estes dias, a retirar as ervas da batata doce.

Quinito, com sua equipa de manutenção: Pedro Viana, Trocapassos, Pepi..., estão a restaurar um dos quartos de banho dos mais pequenos: mudar a tijoleira do chão, canalizações, sanitários, torneiras... e tudo isto — por eles e para eles. Durante estas semanas, quatro rapazes de manhã e outros tantos de tarde, dedicam-se a fazer blocos a fim de serem vendidos, pois o assunto da madeira foi temporariamente interrompido pela administração. A sustentabilidade da Casa depende, em grande parte, do nosso trabalho.

Padre Telmo viajou para Luanda

e possivelmente o fará para Portugal na Quinta-Feira. O Quim continua com seu tempo de aprendizagem, levando com muito carinho a direcção da Casa. Eu, pela minha parte, dedico-me a acompanhar os trabalhadores e a colocar as coisas nos devidos lugares quando oportuno.

A Páscoa está a chamar à nossa porta. Esta semana temos a oportunidade de acompanhar Jesus nesta última etapa da Sua vida. A morte é uma realidade inevitável, mas de onde Ele é, é uma Semana de ressurreição. Que a força do Espírito Santo retire do nosso interior toda a injustiça, por muito pequena que seja. Feliz Páscoa da Ressurreição. □

PENSAMENTO

Pai Américo

As obras de caridade não dependem dos mortais, embora sejam realizadas por eles, para bem deles. O que importa é que os homens se não atravessem com a *caridadezinha* dos seus amores. Que ponham a mesa. Que abram as camas. Que não fechem as portas. Que chorem. Que não se busquem. Que não troquem a moeda forte, que é precisamente a criança que se apresenta, pela falsa, da verba, do orçamento, dos papéis. Oh homem, não tires da vida a morte! □

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

Padres da Rua para sucessor de Pai Américo na Direcção da Obra da Rua e da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Maravilha! A minha vida, na proximidade da ordenação sacerdotal, marcada pelo desejo de ser Padre da Rua, estava, agora, nas mãos do senhor Bispo da Diocese do Porto e do director da Obra da Rua que era o senhor Padre Carlos. Fomos juntos. O senhor Bispo ficou muito contente. O senhor Padre Carlos

exultou de alegria juntamente comigo. Ficamos juntos, como Padres da Rua, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, durante seis anos.

Chegou a hora da realização do sonho de Pai Américo de ver a Obra da Rua em África. Pai Américo não pôde realizá-lo, enquanto viveu, porque não tinha vocações de Padres da Rua. O senhor Padre Carlos deu-lhe cumprimento. África, Angola e Moçambique, passou do coração de Pai Américo para o coração do senhor Padre

Carlos. Depois de duas visitas, acudindo ao apelo da Igreja e da autoridade civil destes países, nasceram as duas Casas do Gaiato de Malanje e Benguela, em Angola, em Novembro de 1963; e a Casa do Gaiato de Moçambique, quatro anos mais tarde. A presença do senhor Padre Carlos foi sempre muito viva. A notícia da sua morte gerou lágrimas e muita dor nos rapazes mais velhos da primeira geração que viram nele o pai e o avô. Veio trazer o senhor padre Telmo a Malanje; e trazer-me a Benguela.

Ajudará muito mais a Obra da Rua, desde o Céu! □